

DOMINGO



ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUEZ

Assinatura

Ano. \$; semestre. \$50. Pagamento adiantado. Para fora: Ano. \$20; semestre. \$60; aviso. \$02. Para o Brasil: Ano. 2\$00 (moeda forte). DIRECTOR POLITICO-DR. MANUEL PAULINO GOMES PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR-JOSÉ AUGUSTO SALGEO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TIPOGRAFIA

(Composição e Impressão) RUA CANDIDO DOS REIS — 126, 2.º ALDEGALEGA

Publicações

Anuncios. \$04 a linha. Anuncios na 1.ª pagina, contrato especial. Os autógrafos não se resutuem quer sejam ou não publicados. EDITOR-HENRIQUE BALDRICO TAVARES SECRETARIO DA REDACÇÃO JOAQUIM MARIA GREGORIO

“REMEMORANDO,”

Uma hora menos um quarto da madrugada de vinte e oito de outubro de 1918. Pesava um silencio trágico sobre o casarão tenebroso do ex-convento de Santa Clara do Porto—o Aljube d'hoje.

Tu estava preso, desde 12 de setembro, como implicado no «complot» de Lamego. Foram 46 dias de rigorosa incomunicabilidade. Primeiro no quarto n.º 7 com Virgilio Braga, guarda livros, preso desde 17 de julho d'esse ano, por motivos politicos; depois, a 13 de outubro, na enxovia n.º 1 com os Drs. Pereira Osorio, Daniel Rodrigues, Alfredo de Sousa, Belchior de Figueiredo e outros, muitos...

A 28, como digo mais acima, fui chamado ao «interrogatorio». No «gabinete negro» esperavam-me o falecido sargento Rufino Cesar de Lima, o chefe de policia Barros, da 9.ª esquadra, e o secretario de Solari Allegro, Antonio Rodrigues.

O «gabinete negro» ficava ao fundo do «quarto do piqueto». Imagine-se: um cubiculo de 2 metros e meio de comprimento por metro e meio de largura. A entrada, do lado direito um cofre forte com um busto da Republica escalavrado já, em cima, a meio, e encostada à parede, do lado esquerdo, uma secretaria. Em cima d'esta, na occasião, uma bengala de cavallo marinho, uma pistola «savage», e uma travessa de uma cadeira. Ao fundo uma velha espada de cavalaria, antiga, ferrugenta, encostada à qual estava um grosso cacete de sobreiro. Cadeiras e um banco. Quando entrei o chefe Barros, fardado, dirigiu-se-me, alegre e prazenteiro, qual melro de Junqueiro:

—«Cavalheiro: sente-se;»—e apontou-me uma cadeira postada em frente da secretaria. Antonio Ro-

drigues ao lado—sargento Rufino encostado ao cofre forte. Depois das perguntas do estilo—nome, naturalidade, estado, profissão, o sacramental e estúpido: —«Já esteve preso alguma vez?»

—Não sr., respondi com firmeza.

Antonio Rodrigues e chefe Barros sorriram-se. E aquele sorriso tinha todo um mundo de canalhice. O primeiro toca uma campainha. Apareceu um policia;—era o 578 da 1.ª esquadra.

—Vá buscar o prêso do quarto 12, mandou o Barros. E o prêso veio, amparado por dois guardas, cabeça ligada, ligaduras ensanguentadas, um braço—o direito,—ao peito. Era o Raul Leitão, meu companheiro de carcere na ilha da Madeira, Funchal, na cadeia de S. Lazaro, em 1915, a quando da ditadura Pimentista. Olhámos. Conhecemo-nos. Mas no nosso olhar havia a firmeza de nada revelarmos do que entre nós havia. O Leitão, pobre camarada!—mataram-no na madrugada de 2 de janeiro de 1919, no «segredo» do Aljube, e foi para os jornais a noticia de que havia morrido... com a pneumónica!!!

Sob a ameaça do sobreiro suspenso sobre a sua cabeça, e empunhado pelo chefe Barros, o Leitão confessou o que entre nós havia:—a ligação para o movimento revolucionario de outubro, a explosão de bombas na Juventude Catolica do Funchal, em 1914, nada dizendo sobre os valentes sargentos de infantaria 9, de Lamego, Mesquita, Pires, Martinho e aliteres Pereira que comosco estavam comprometidos. O Leitão retirou-se. E quanta mágua, quanta dor, quanta tristeza o seu olhar revelava, coitado! E' que advinhava a sorte que me esperava...

Antonio Rodrigues le-

vanta-se. Nos seys olhos brilhava alguma coisa de odio e de feroz. Chegasse a mim. Fita-me. Bricalle no rosto um sorriso irónico e sarcástico.

—«Com que então o innocente nunca esteve preso, eh? Cinico! Malandro! Filho de...»—e uma mão assentou-se-me no rosto. Tomei da cadeira. Quando me ía a levantar o sargento Rufino deu-me um pontapé sobre os rins. Fiquei estendido no chão, quasi sem sentidos. Como me não levantasse com a rapidez ezigida o chefe Barros deu-me as primeiras trez bengaladas de cavallo marinho nas costas. Comecei a gritar. Mais duas vergastadas me foram vibradas. A custo me levantei e, n'um movimento de instintiva defesa, peguei n'uma cadeira para amparar as pancadas. Rodrigues aponta-me a «savage» ao peito, intimando-me a largar a cadeira. O sargento Rufino dirigiu-se, e agarrando-me na gola do casaco—um casaco azul escuro que conservo para recordação, ensanguentado,—levou-me de encontro ao cofre forte e, olhos raiados de sangue, furiosamente, dentes cerrados, disse-me, fazendo-me voltar a cara para o busto da Republica: —«nem aquela... «carriça» te salva, cornol!» Em seguida bateu-me com a cabeça na esquina do cofre. O sangue começou a manchar-me a cara e o fato. Tornei a gritar. Então, o sargento Ruão, mergulhou-me o pescoço entre as suas pernas e, enquanto o chefe Barros e o Rodrigues me agrediam, o primeiro a cavallo marinho e o segundo a pontapé, o sargento apertava-me o pescoço nas pernas para que os meus gritos não fossem ouvidos pelos demais presos!

—«que eu sofri!» Depois... depois, eram muitas as pancadas!—sufoquei e perdi os sentidos. A's 3 da madrugada encontrei-me, sem saber co-

mo, no «segredo», deitado de costas para o ar, o Dr. José Domingues dos Santos—ex-ministro do Trabalho, lavando-me a cabeça e costas com agua fria, o Pompeu d'Araujo, de Espinho, a chorar, «que tinham matado mais um desgraçado.»—Manuel Ferreira Capa, de Braga, amparando-me a cabeça ensanguentada, consolando-me com palavras amigas e sinceras, enquanto que, com uma das mãos, Agonia Vieira, me tinha colado aos lábios um lenço, para que eu não visse o sangue que da boca me sahia.

Ali estive até 8 de novembro, 12 dias, como se fôra aquela a melhor «enfermaria» para uma creatura que em semelhante estado se encontrava.

O «segredo» tem oito pés de comprimento por 6 de largura. Paredes humidas e, ao fundo, havia um cano de esgotos, o cano geral, roto junto á superfície do pavimento. De modo que, ás vezes, os degetos espalhavam-se pelo chão, ezalando um cheiro pestilento que não podia sair pelo único respiradouro que existia:—uma rótula com 157 buracos na porta da entrada, buracos por onde não cabia um cigarro forte.

A 8 de novembro fui para a «Sala da aula» onde me conservei até 3 de janeiro passando em seguida para a enxovia n.º 1, onde já havia estado, até que o 13 de fevereiro nos trouxe a liberdade que desejavamos—mas que nunca pedimos.

Mas, até que d'alisaímos, quanta tortura moral suportámos! O Dr. José Domingues dos Santos, disse-me um dia:—«ah! meu caro José Manuel! se não fosse a nossa fé inquebrantavel nos destinos da Republica, de ha muito teriamos secumbido moralmente n'esta tremenda luta!»

Eu fiquei sem saude mas conservo ainda o vigor necessario, a coragem precisa para continuar a defen-

der a Republica com o mesmo desinteresse e com a mesma dedicação.

A pena que tenho é de não ter conseguido vêr os celerados que me puzeram o corpo n'um frangalho. A Espanha, em seu seio guarda dois d'eles—Barros e Rodrigues. O outro... o outro, tombou ás mãos—não sei de quem á porta do Aljube, em 14 de fevereiro de 1919.

..... Já depuz. Fui um dos traulitados. Sou um dos que combaterão o Indulto, se necessario fôr, com uma espingarda nas mãos. Disse.

..... José Manuel de Deus.

Comentarios & Noticias

Curiosidade medica

A guerra trouxe nos algumas coisas de verdadeiro interesse sob o ponto de vista scientifico. No campo cirúrgico a sciencia progrediu muito, sendo para nós digna de destaque a operação feita pelo major medico francez Duvergey num soldado e que consistiu em extrair uma bala alojada no ventriculo direito do coração do referido soldado que tem uma cura completa.

Ernesto da Silva

Faz ôje 17 anos que em Lisboa faleceu Ernesto da Silva, tipografo, jornalista, orador e dramaturgo muito querido do proletariado pelas suas idéias liberaes. O seu funeral foi civil.

«Os Geraldos»

Nos passados sábado e domingo deram dois espectaculos no teatro «Joaquim de Almeida» do Musical Club Alfredo Keil, d'esta vila, os celebrados duetistas Geraldos cujos números foram em geral, de muito agrado. A concorrência a ambos os espectaculos foi diminuta, devido, talvez, ao excessivo preço dos bilhetes.

A proposito do indulto

Publicamos ôje n'outro lugar a odisseia d'um dedicado republicano durante a traulitapia do norte. E' um documento frizante de dor e que bem preciso é ser lido por todos os republicanos. e até por aqueles que, porventura indifferentes ás nossas instituições, não tenham perdido ainda a noção da humanidade. Basta lêr-se o que sofreu José Manuel de Deus para que o nosso coração se revolte mais uma vez contra o pedido de indulto que se formulou ao illustre chefe do Estado. Rememoramos todos os fa-

etos passados da tranlitania e unamo-nos indestrutivelmente contra a hipócrita manifestação de humanitarismo que os monarquicos, nunca tendo possuído, querem, no entanto, obter para os seus apaniguados, hontem nos sos carrascos e amanhã possos impenitentes assassinos.

Ensino religioso

Doze anos compieta ôje que em Lisboa, no congresso de instrução primaria, propõem os professores Tito Lopes, Carlos de Melo e Ladislau Picarra a abolição do ensino religioso nas escolas primarias.

Coreto de Sarilhos Grandes.

Procurou-nos ante-ontem n'esta redação o nosso hom amigo e dedicadissimo correligionario de Sarilhos Grandes, Manuel de Carvalho, presidente da Junta d'aquella freguezia para, em nome da Junta e do povo republicano de Sarilhos agradecer n'este jornal a todas as pessoas que, por qualquer fórma, ajudaram a Junta na construção do coreto distinguindo n'este agradecimento os prestantes, cidadãos Francisco Sampaio Ponbinha, Antonio Pedro da Silva (da Espinhosa), José Feliciano, Miguel Barreto, Manuel da Cruz Quinteiro e Manuel Martinho.

A Luz

Entrou na 3.º ano de publicação este nosso presado confrade de Lisboa, de propaganda maçônica, a quem enviámos muitas saudações com o desejo sincerissimo de que conte muitos anos mais com imensas felicidades.

Para o Orfanato de Aldegalega.

Pelo 1.º cabo da guarda fiscal do posto d'esta vila, sr. José Joaquim Rozado e pelos soldados srs. Francisco Jorge, José Antunes e Joaquim Gonçalves Farinha foi oferecido ao Orfanato de Aldegalega a quantia de 2500, sendo 250 de cada, provenientes da ajuda de custo de vida que o decreto ultimamente publicado lhes deu.

Um belo exemplo a seguir...

De *O Seculo* de 18 d'este mez: «As carreiras Lisboa-Cacilhas.—Uma nova empresa fluvial.

No intuito de neutralisar a ganancia da Parceria dos Vapores Lisbonenses, contra cujos serviços deficientes e excessivos preços das passagens se tem levantado ultimamente veementes protestos, organisoou se em Almada, como o «Seculo» já noticiou uma nova empresa fluvial, denominada Sul do Tejo, que se propõe estabelecer, em melhores condições, um serviço de carreiras entre a capital e aquele concelho, estendendo mais tarde a sua ação á carreira do Seixal e á Trafaria, na época balnear. A empresa será formada por meio de 25:000 ações de 500, sendo a comissão organizadora composta do srs: Dr. José de Noronha, Mario Correia Costa, Raul Custodio Gomes e Ernesto Batista Ferreira.»

Tal e qual como cá, onde já se organisoou uma comissão para construir um teatro e que tem já subscriptores no valor de quatro mil e tal mil escudos—o que é público e notório—e se constituiu outra comissão para mandar arranjar a capela da senhora de Atalaia, ao passo que uma subscrição para um hospital não deu nada e a Parceria aumenta dia a dia o preço das passagens que se uza estão já em três escudos

ida e volta é porque a Parceria não quiz ainda dar um salto brusco porque a verdade é que tudo se lhe paga. Lá a capelinha da senhora da Atalaia é que não deve deixar de ter auxiliares para que os *reditos do padre* não diminuam pois era uma pena que o padre fosse ganhar a vida como... qualquer homem.

Congresso do P. R. P.

Iniciou se ontem em Lisboa o Congresso extraordinario do Partido Republicano Portuguez, ao qual assistiu como representantes e delegados das várias corporações d'este concelho os nossos correligionarios Dr. Manuel Paulino Gomes, Joaquim Maria Gregorio, Dr. Lourenço Gonçalves Rita, João Antonio Pereira Braga, José Augusto Saloio, Luciano Fortunato da Costa, Macimiano Francisco José e Henrique Baldrico Tavares.

Consortio

Realizou-se quinta feira passada o consortio do nosso correligionario Antonio Joaquim Dias com a sr.ª D. Cristina da Costa Oliveira filha do nosso amigo e correligionario Martinho da Costa Oliveira. Aos noivos desejámos uma prolongada lua de mel seguida de muitas felicidades e venturas.

P. R. P.

A solidariedade das comissões politicas, na apreciação dos factos passados dentro do Partido Republicano Portuguez, provam exuberantemente, que o partido nunca esteve tão unido como atualmente está. A saída de diversos elementos em nada prejudica o partido, não fazem falta nenhuma, e ha mais tempo que deviam ter saído para tranquilidade e socego do mesmo partido. Quanto menos régulos, tanto maior será a união. Pena foi que, os que saíram, não tivessem a nítida compreensão dos seus deveres para com os eleitores que os elegeram, pois deviam ter renunciado o seu mandato, visto que foram os votos democraticos que os elegeram. Dizem-se agora deputados da nação!!! Quem os elegeram?... foi a nação ou os votos democraticos? Entreguem os seus mandatos e depois saiam livremente; e não deiem ao paiz o espectáculo vergonhoso que estão dando. O celebre manifesto, tão apregoado, é um documento digno dos homens que não querem entregar os mandatos que receberam do Partido Republicano Portuguez. N'este documento têm o arrojo de dizer que, devido aos erros praticados n'este partido, resolveram abandonar-o, mas não dizem quais os erros e quem os praticou. Não tiveram coragem para dizerem a verdade; foram governo

diversas vezes, viram os erros e nada disseram, tornando-se portanto solidarios com quem os praticou, e se não queriam ser solidarios com quem os praticou, divulgassem-nos. Não convinha... Pois os erros, á feita d'outro argumento, era o bastante para esfacular todo o Partido Republicano Portuguez, e com os despojos d'este partido, constituir o partido dos «encravados».

Enganaram-se; mais uma vez enganaram-se. O Partido Republicano Portuguez não se esfaculará, porque este partido não tem chefes nem os aceita; a sua força vem da sua união. Vamos portanto ter no parlamento mais um grupelho saído dos democraticos e com os seus votos eleitos, visto que não tiveram a hombridade de entregarem os seus mandatos. Esta lição deve servir ás comissões politicas e ao Directorio, para nas futuras eleições, serem mais escrupulosos na escolha dos deputados. Os Alvaristas devem a estas horas estar admirados da solidariedade das comissões politicas de todo o paiz e o Congresso extraordinario dirá o resto que as comissões politicas não podem dizer.

J. Castela.

H'viola

Da tua cama de dormir
Eu queria ser, meu amor,
O alvo lençol de cobrir,
E o felpudo cobertor.

Pensamento

O avarento nunca deixa de ser miseravel por maior que seja a sua fortuna.

Nota semanal

N'uma fotografia:
—O senhor pôde fazer-me uma ampliação mais pequena d'este meu retrato?

CORRESPONDENCIA

Samouco, S.— E' assim mesmo. O imposto do sal seria uma boa fonte de receita; seria imposto justo, justissimo, que renderia alguns contos anuais. Se as marinhas estivessem em poder de varios individuos que fossem pobres ou pouco ricos, ha que tempos é que teria sido lançados os impostos... Mas estão todos em poder do João do Sal e para se romper com esse senhor é preciso ter-se coragem. A Camara não a tem; os seus membros são cobardes. E' lhes muito mais facil tapar buracos desviando verbas, como fiseram com dois contos da instrução.

Vá, senhores camaristas, multem um ciclista por não ter licença, multem um pobre aspirante a leijista por não ter licença, multem um proprietario que mande arranjar um prédio e se esqueça da licença.

Mas deixem fazer uma fortuna colossal aos donos das marinhas sem lhe ezigirem um centavo. Cobardões! E não querem que o Samouco fale; que o Samouco se insurja contra esta administração de bôrra. Nós podemos viver assim toda a vida? Não! A Camara administre. Nós não a largaremos, não a deixaremos em paz enquanto não se decidir a fazer o que deve. Não sabem? Teem medo? Então, rual Rual E rua porque o povo do concelho está sendo roubado em alguns contos por ano. Rua, porque se não um povo se insurgirá contra ela. Nós não vimos a campo com o único intuito de criar dificuldades á Camara. E porque assim é vamos suspender as nossas considerações até ver o que a Camara faz. Depois voltaremos ao assunto e então a Camara saberá de quanto somos capazes. Não tem dinheiro a Camara? Vá buscal-o ao sal. Mas vá; não finja. Tome coragem; imponha-se á admiração do povo; não prefira viver de rastos.

Vá! Ande!

Depois falaremos.—C.

ANUNCIOS

Edital

Augusto Guerreiro da Fonseca Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal d'este concelho servindo de Administrador:

Faço saber que tendo sido requerido n'esta administração por Duarte & Miranda, residentes n'esta vila, licença para fundação de um estabelecimento onde se fabrica tijolo no sitio das Barreiras, d'esta freguezia e concelho, que se acha compreendido na 2.ª classe, com a designação de «fábrica de tijolo», muito fumo e perigo de incendio pela acumulação de combustivel e exalações insalubres em conformidade do artigo 6.º do Decreto de 21 de Outubro de 1863, são convidadas todas as autoridades, chefes ou gerentes de quaisquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas a apresentarem nesta administração, dentro de 30 dias, a exposição de qualquer motivo de opposição que tiverem contra a concessão da mesma licença.

E para constar e nos termos do mesmo decreto, foram afixados dois editais do teor d'este, sendo um na porta da Administração e outro na da Camara Municipal.

Aldegalega, 15 de abril de 1920.

O Administrador do Concelho.

a) Augusto Guerreiro da Fonseca.

Edital

Antonio Luiz Nunes, administrador do Concelho de Alcochete:

Pelo presente são convidadas, todas as autoridades, chefes ou gerentes de quaisquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas a apresentarem-me dentro de 30 dias a exposição de qualquer motivo de opposição que tiverem contra a concessão da licença requerida por Manuel Gomes da Costa Sobrinho para a laboração de um matadouro no quintal junto da sua casa de habitação sita no novo bairro do Moisés d'esta vila de Alcochete, cujo estabelecimento está compreendido na 2.ª classe da tabela anexa ao decreto de 21 d'outubro de 1920.

E para constar se passaram dois editais que vão ser afixados: um na porta d'esta administração e outro na porta da igreja matriz respectiva.

Alcochete, 19 de abril de 1920.

O Administrador do Concelho,

a) Antonio Luiz Nunes.

EDITAL

Antonio Luiz Nunes, Administrador do Concelho de Alcochete:

Pelo presente são convidadas todas as autoridades, chefes ou gerentes de quaisquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas a apresentarem-me, dentro de 30 dias, a exposição de qualquer motivo de opposição que tiverem contra a concessão da licença requerida por José Diogo da Costa para a laboração de um matadouro no quintal junto da sua casa de habitação sita na Avenida 5 d'Outubro d'esta vila de Alcochete, estabelecimento que se acha compreendido na 2.ª classe da tabela anexa ao decreto de 21 de outubro de 1863

E para constar se passaram dois editais que vão ser afixados: um na porta d'esta Administração e outro na porta da igreja matriz respectiva.

Alcochete, 19 de abril de 1920.

O Administrador do Concelho,

a) Antonio Luiz Nunes.